



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

TUANE ÂNGELO PEREIRA

**ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO
DE LAMPIÃO NOS CORDEIS DAS DÉCADAS DE 1920 A 1940**

CAMPINA GRANDE-PB

2019

TUANE ÂNGELO PEREIRA

**ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO
DE LAMPIÃO NOS CORDEIS DAS DÉCADAS DE 1920 A 1940**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para a
conclusão do curso.

Orientadora: Prof. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro

CAMPINA GRANDE-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436e Pereira, Tuane Angelo.
Entre a história e a literatura [manuscrito] : uma análise da representação de Lampião nos cordéis das décadas de 1920 a 1940 / Tuane Angelo Pereira. - 2019.
32 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro, Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Literatura de cordel. 2. Cangaço. 3. Poesia popular. I.
Título
21. ed. CDD 398.5

TUANE ÂNGELO PEREIRA

ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DE
LAMPIÃO NOS CORDEIS DAS DÉCADAS DE 1920 A 1940

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para a
conclusão do curso.

Aprovada em: 02/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Hilmária Xavier Ribeiro

Prof. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Talita Rosa Mística Soares de Oliveira

Prof. Me. Talita Rosa Mística Soares de Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Matusalém Alves Oliveira

Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, aos meus pais Ivandi e Elizonete, aos meus irmãos Noemia e Tiago, ao meu noivo Iago, e aos meus amigos de turma Adriano e Liliane, que foram uma constante fonte de motivação e incentivo ao longo de toda minha graduação.

“Sou o gibão do vaqueiro, sou cuscuz sou rapadura
Sou vida difícil e dura
Sou nordeste brasileiro
Sou cantador violeiro, sou alegria ao chover
Sou doutor sem saber ler, sou rico sem ser granfino
Quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho de ser
Da minha cabeça chata, do meu sotaque arrastado
Do nosso solo rachado, dessa gente maltratada
Quase sempre injustiçada, acostumada a sofrer
Mais mesmo nesse padecer eu sou feliz desde menino
Quanto mais sou nordestino, mais orgulho tenho de ser.”

(Ser Nordestino – Braúlio Bessa)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
A LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE HISTÓRICA: DIÁLOGOS COM A TEORIA DA HISTÓRIA	12
PENSANDO O CANGAÇO E O CORDEL: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA NO NORDESTE DO BRASIL.....	16
O CANGACEIRO LAMPIÃO: CONSTRUÇÃO DE UM PERSONAGEM HISTÓRICO PELA LITERATURA DE CORDEL	19
NAS RIMAS DA POESIA POPULAR: A REPRESENTAÇÃO DE LAMPIÃO NOS CORDÉIS DE 1920 A 1940	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DE LAMPIÃO NOS CORDEIS DAS DÉCADAS DE 1920 A 1940

Tuane Ângelo Pereira
tuaneperreira67@gmail.com

RESUMO

Nosso objetivo nesse trabalho é analisar como os cordéis escritos entre 1920 e 1940 possibilitaram a emergência de uma figura popular no Nordeste: Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião. Sendo assim, a nossa intenção será de promover discussões acerca de como a imagem de Lampião podia ser vista e entendida a partir da literatura de cordel. O recorte de tempo proposto (1920-1940) surge da ideia que foi um período de ascensão tanto do cangaço na figura de Lampião e como também da maior fama dos cordéis, que alcançaram renome e consequentemente, seus escritores prestígio e dinheiro, graças a venda dos folhetos. Um trabalho como esse, serve para que sejam produzidos questionamentos acerca do que seria Lampião, não somente como um herói ou um bandido, mas como alguém que teve uma imagem construída através de discursos proferidos e disseminados em dada época e em determinado lugar, especificamente no nordeste.

Palavras-chave: Lampião. Literatura de Cordel. Cangaço. Representação.

ABSTRACT

Our objective in this work is to analyze how the twine written between 1920 and 1940 made possible the emergence of a popular figure in the Northeast: Virgulino Ferreira da Silva, better known as Lampião. Therefore, our intention will be to promote discussions about how Lampião's image could be seen and understood from Cordel's literature. The proposed cut-off of time (1920-1940) arises from the idea that it was a period of rise both from the cangaço in the figure of Lampião and also from the greater fame of the twine, which achieved renown and consequently their prestigious writers and money, thanks to the sale. of the leaflets. Such a work serves to raise questions about what Lampião would be, not only as a hero or a bandit, but as someone who had an image constructed through speeches delivered and disseminated at a given time and place, specifically in northeast.

Keywords: Lampião. Literature of twine. Cangaço. Representation.

INTRODUÇÃO

A História é contada, recontada e lembrada ao longo do tempo, mas a forma que possibilita o seu ressurgimento passa por mudanças contínuas. Dessa forma, podemos perceber que a literatura de cordel¹, que será nosso objeto de estudo, pode ser uma fonte histórica, mas nem sempre foi imaginada assim. Houve o tempo em que a História e literatura popular não dialogavam, e assim a História se desenvolvia muito mais erudita do que popular, privilegiando o saber mais voltado aos documentos oficiais.

A literatura de cordel se transforma de mera narrativa para uma fonte, um documento, pois os fatos retratados e os personagens evidenciados na escrita, promovem a fabricação de uma realidade vivida por uma época, onde o Historiador pode fazer uso e conseguir captar procedimentos, acontecimentos que foram apagados em outros registros. Para Grillo (2015, p.24) “cabe, então, ao historiador compreender as múltiplas criações e recriações que as classes populares fazem daquilo que lhe é evidenciado”.

Seguindo essa perspectiva, nesse trabalho veremos a literatura popular a partir do estudo de seus autores², pois estes traduzem em seus versos, nas rimas da sua arte, o que o povo viveu, as inquietações, os amores, as vontades e desejos de uma época. Segundo Luyten (1984, p. 42), o escritor escreverá sobre o ponto de vista que o povo vê, analisa e aceita, pois o Cordel como exemplo da Literatura Popular é feito para o povo.

Sendo assim, as motivações para a escolha do tema surgem dessa perspectiva, onde o cordel também aparece para mim como uma literatura que conseguiu promover afeição e acima de tudo conhecimento. Desde muito cedo, gostava de ler e escrever e isso se tornou ponte para levar a escrita dos cordéis ao longo da minha vida. E esse amor ultrapassa a literatura e chega a História, lugar que me encontrei como pessoa, escritora e profissional, e através do curso que me proporcionou a aproximação com temáticas mais regionais, a exemplo do cangaço.

Esse tema chegou até mim nas aulas da Disciplina de História da Paraíba II, em um seminário que pude unir o cangaço na figura Antônio Silvino com um cordel de minha autoria declamado em sala de aula para turma. Com isso, existe a possibilidade da literatura unida com a História, promover o repensar para questões próximas a vida do povo, que mesmo sendo simples e peculiar, não deixa de ser complexa e pertinente, para que se veja e se repense, o

¹ A literatura de Cordel é a poesia popular, se desenvolveu no Nordeste e narra temas de proximidade com a realidade do povo.

² Os autores dos Cordéis analisados serão: João Martins de Athaide, Arinos de Belém, José Vieira e Francisco Maraba.

nosso lugar no mundo. Assim como aconteceu comigo, que através do Cordel pude chegar a História, e a partir dela promover questionamentos e buscar respostas acerca do Cangaço.

Por isso, a pesquisa se inicia a partir da catalogação dos cordéis na Biblioteca de obras raras Atila Almeida³, que possui vasto material de pesquisa, a exemplo dos cordéis, que são cerca de 18,271 catalogados e que dentro desse número, possui títulos considerados raros, que são datados a partir de 1907. Consequentemente, foi consultado esse catálogo e separadas seis obras para análise e estudo, que foram escritas dentro do nosso marco temporal.

Portanto, nosso objetivo nesse trabalho é analisar como os cordéis escritos entre 1920 e 1940 possibilitaram a emergência de uma figura popular no Nordeste: Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião. E como também a partir da sua difusão, promoveu uma discrepância nos discursos proferidos pelos seus autores dentro da narrativa dos cordéis.

A intenção será de promover discussões acerca de como a imagem de Lampião podia ser vista e entendida a partir da Literatura de Cordel, sendo este o principal meio de comunicação dos sertanejos, que em sua grande maioria eram analfabetos neste período. O Cordel servia de informação para os fatos ocorridos em determinada região, já que as rimas facilitavam a memorização, quando recitadas em ambientes como a feira livre (GRILLO, 2025, p.23).

Consequentemente, outra intenção será de fazer uma ligação entre os autores das obras e o marco temporal em estudo, promovendo a observação de como uma dada época e como também o que acontece na mesma, pode influenciar na escrita e na aceitação dos leitores sobre o tema. Essa relação entre História e Literatura que propomos aqui, poderá mostrar-nos fatos, discursos e representações que na escrita oficial como os jornais, não seriam divulgados. Por isso a importância da História Cultural como um meio do Historiador dialogar com novas fontes e utilizá-las a serviço da História.

O recorte de tempo aqui proposto (1920-1940), surge da ideia que foi um período de ascensão, tanto do cangaço na figura de Lampião, onde o mesmo entrou para a vida de crimes, para vingar a morte de seu pai, segundo a História oficial, e também a deixou, tendo em vista a sua morte em 1938. E como também, é o período de maior fama dos Cordéis, que alcançaram

³ Em 2003, o Governo do Estado da Paraíba adquiriu o acervo pessoal do pesquisador e professor Átila Almeida e doou à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – que instituiu, em 2004, a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida. Sendo, portanto, responsável pela guarda, conservação e manutenção da coleção. Instalada no primeiro andar do prédio da Administração Central da UEPB, em Campina Grande, a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida se apresenta aos estudiosos como uma singular opção para aqueles que desejam desenvolver pesquisas acadêmicas. Inicialmente, a coleção era constituída apenas pelo acervo do professor Átila Almeida, predominantemente composta por livros, cordéis, periódicos e jornais. Posteriormente, foram incorporados novos acervos de influentes personalidades, tais como: Raymundo Asfora, Gilmar de Carvalho, Manoel Monteiro e Severino Bezerra de Carvalho. Ver: <http://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br/>

renome e conseqüentemente seus escritores conseguiram prestígio e dinheiro, graças a venda dos folhetos.

Portanto, sendo esse um período de tempo que engloba dois momentos interessantes para o Historiador fazer estudo, decidimos promover a análise desse recorte temporal e fazer apontamentos que podem trazer inúmeras contribuições para compreender o universo que Lampião vivia e tudo que era falado dele, seja de bem ou de mal.

Trabalhos como o que propomos aqui, servem para que sejam produzidos questionamentos acerca do que seria Lampião, não somente como um herói ou um bandido, mas como alguém que teve uma imagem construída através de discursos proferidos e disseminados em dada época e em determinado lugar, especificamente no nordeste, a qual nos limitamos em evidenciar.

Sendo assim, é interessante atentar, que os cordéis acabam fazendo no imaginário popular esse exercício de construção de discursos, onde influenciam com sua escrita para a exaltação ou depreciação de determinado personagem, no caso Lampião. Esses discursos se perpetuam, promovendo a criação de uma representação desse cangaceiro, que está misturada a ele e não se dissocia.

Tendo em vista, que a datação em estudo (1920-1940), seria um período no nordeste, tanto de seca como também de governos que esqueciam a população. A Literatura de Cordel passa a ser a informação, o divertimento e a denúncia, desse povo que perecia e que ansiava por uma qualidade de vida melhor. Sendo assim, os cordelistas eram aqueles que levavam muitas vezes, as notícias de Lampião ao povo, mostrando suas façanhas, seus crimes e até suas qualidades e momentos de compaixão.

Por conseguinte, a partir dessa leitura, o povo acabava criando a sua imagem, a representação de um cangaceiro, tanto odiado como querido. E porque existia esse contraste? tentaremos responder ao longo do texto, mas diante não podemos supor que dependerá muito do lugar social do autor, se ele era pobre ou rico, se compactuava com as ideias do governo da época ou não. Tudo isso poderia e muito, modificar a escrita de um Cordel e o que seria falado nele e como Lampião seria retratado.

Por isso, fica claro que essa escrita, nasce da preocupação de trazer à tona que a construção de um personagem popular como Lampião, não se origina por acaso, mas de jogos de representações, ou seja, da criação de discursos que promovem que Lampião fosse temido ou ovacionado. E os cordéis, seriam um instrumento de fabricação desses tipos de discursos, que provocaram no leitor daquela época, diferentes representações da imagem de Lampião.

Logo, o presente trabalho está dividido em quatro tópicos. O primeiro, expõe a importância da Teoria da História, para se pensar a análise das fontes, dentro de uma pesquisa histórica, apontando como alguns conceitos podem mover nosso olhar para repensar a História e os novos objetos de estudo.

Sendo assim, a discussão sobre a representação de Lampião nos cordéis ultrapassa pela a análise de três conceitos: *de representação*, a partir de Roger Chartier, pois vemos o cangaceiro como alguém que teve sua imagem construída a partir do que representou para variadas pessoas, seja de maneira negativa ou positiva,; *de discurso*, a partir de Michel Foucault, pois Lampião como figura pública promoveu discursos diferentes, favoráveis a sua vida de cangaceiro e desfavoráveis também, e são esses discursos que estão presentes nos meios de comunicação da época que produzem questionamentos e novas formas de se pensar Lampião e sua imagem; *e de imaginário*, a partir de Sandra Jatahy Pesavento, pois Lampião foi uma figura também imagética, promovendo uma série de opiniões a seu respeito que o transformou em um cangaceiro de um lado justo e benfeitor e de outro bandido e delinquente.

Por isso, fica claro a importância da Teoria da História nessa pesquisa, para nos ajudar a compreender Lampião como uma figura Histórica que possuía mecanismos e modos de vivências, que podem ser descritos subjetivamente a partir dos novos documentos que se tornam fontes para o historiador, a partir da análise dos conceitos apontados.

O segundo tópico, analisa como o cordel se desenvolveu no Nordeste do Brasil, seguindo características próprias e com singularidades que possibilitaram que caísse no gosto popular. Também fazemos uma relação do cordel e do cangaço, sendo essa literatura, responsável por promover maior conhecimento desse movimento no Nordeste.

O terceiro tópico, faz uma discussão de como Lampião teve uma grande representatividade não só no cangaço, mas também dentro da literatura de cordel, onde o mesmo passa a ser uma figura de enorme destaque nos folhetos vendidos. E o quarto e último tópico, analisa a representação de Lampião dentro dos cordéis, como um cangaceiro que teria uma imagem controversa, dividindo opiniões por onde passava. Sendo assim pretendemos a partir dessa discussão, mostrar o quanto Lampião teve uma imagem construída perante o povo, sendo mais do que um cangaceiro, mas uma figura histórica e literária acima do bem e do mal.

A partir disso, nos propomos a analisar os Cordéis que foram escritos dentro da mesma temporalidade da sua atuação no cangaço (1920-1940). Foram escolhidas seis obras de quatro autores diferentes, são eles: *Lampeão foi cercado*, escrito em 1925, de autoria de João Martins de Athayde; *Como Lampião entrou na cidade de Juazeiro acompanhado de cinquenta cangaceiros e como ofereceu os seus serviços à legalidade contra os revoltosos*, escrito em

1926, de mesma autoria; *Segura o tiro Lampeão*, escrito em 1928, também de João Martins de Athayde; *Notícias de Lampeão*, escrito em 1929, de autoria de Francisco Maraba; *A morte de Lampeão e a vingança de Curisco*, escrito em 1938, de autoria de José Vieira e *Lampeão: sua vida, seus crimes, sua morte*, escrito em 1939, de autoria de Arinos de Belém.

Sendo assim, mostraremos ao longo da escrita do trabalho, que a Literatura Popular unida com a História, fará o papel de responder os questionamentos do Historiador acerca da imagem de Lampeão, buscando mostrar novas facetas e caminhos até então desconhecidos, que possibilitam apontar para o nosso objeto de estudo sobre diferentes perspectivas e olhares, promovendo um estudo produtivo e enriquecedor para a sociedade atual.

A LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE HISTÓRICA: DIÁLOGOS COM A TEORIA DA HISTÓRIA

A partir da análise do cordel, podemos remeter o nosso olhar para o passado, fazendo um diálogo com a teoria, para explicar como a nossa pesquisa foi possível, dentro de determinada perspectiva. Visto que, a História das mentalidades na década de 1960 inova o cenário histórico, percebemos que a História começa a se preocupar com novos métodos de ver e pensar o ofício do Historiador.⁴

A cultura ganha enfoque como um espaço de difusão de discursos silenciados pela história oficial, a exemplo da literatura de cordel, dos folhetos, da poesia, que invadem o cotidiano das pessoas e transformam o vivido em poesias, que falavam muito mais sobre uma dada pessoa e época, do que se imaginava.

Para Chartier (1988, p.16-17), a História cultural objetiva a análise e identificação de como a realidade social se constrói ao longo do tempo, a partir da discussão de que as representações não se constituem sem interesse, ou seja, é importante atentar que os discursos e imagens sobre determinada pessoa, objeto ou época, tem um interesse mútuo em questão, que não é neutro, promovendo um sentido para o mundo social.

Sendo assim, o conceito de representação, pode ser empregado de maneira efetiva na análise de obras de literatura popular, pois, a partir da leitura desse material percebemos uma infinidade de representações sobre o objeto de construção de fala, com isso a história cultural segundo Chartier:

⁴ A partir de 1960 as representações sociais ganharam espaço em um novo campo da História, que visava o estudo da cultura e da sociedade. Ver: GRILLO, Maria Angela de Faria. A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900 – 1940) / Maria Angela de Faria Grillo. Jundiá, Paco Editorial: 2015. p. 09-10.

Toma por objecto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER,1988, p.16-17).

Conforme percebemos, as representações são ponto chave para a história cultural, que possui o desafio de alcançar as sensibilidades de um outro tempo para a compreensão de uma realidade. Portanto, para Pesavento a proposta da História Cultural seria:

Decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõem. Este seria, contudo, o grande desafio da História Cultural, que implica chegar até um reduto de sensibilidades e de investimento de construção do real que não são os seus do presente. A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele. (PESAVENTO,2012, não paginado).

O imaginário também é ponto de destaque nessa discussão, pois a partir dele se organiza uma série de fatores que ajudam o historiador a perceber os sentidos que os discursos promovem. Sendo assim, o imaginário seria um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. (PESAVENTO, 2012, não paginado).

Como vemos, a cultura surge nesse cenário, promovendo uma possibilidade de repensar e principalmente movendo olhares para novas maneiras de se analisar a História a partir do cultural e do popular. E o discurso, assim como as representações e o imaginário, também é peça fundamental nessa análise, pois inserido no cultural, promove novas formas de se pensar sobre algo ou alguém. Foucault em sua obra A ordem do discurso, já evidenciava que o discurso fala muito mais do que se percebe dele:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise os mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2012, p.10).

Com isso, percebemos que não existe só uma versão para os fatos, e isso é importante, pois essa variação de discursos promove um maior conhecimento sobre o objeto de estudo.

Segundo Foucault:

...Pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. Nós os conhecemos em nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto, e que chamamos de “literários”; em certa medida textos científicos. (FOUCAULT, 2012, p.24).

Dessa forma, o discurso é ponto chave dentro da análise proposta nesse trabalho, pois qualquer obra independente do gênero, pode explicitar ou esconder os discursos, mas mesmo assim traduzem uma vontade do autor, um caminho pelo qual o mesmo queria que o leitor percorresse, Foucault afirma quanto a isso que “Uma mesma e única obra literária pode dar lugar, simultaneamente, a tipos de discurso bem distintos.” (FOUCAULT, 2012, p.24).

Segundo Grillo (2015, p. 09-10), é importantíssimo atentar para a narrativa factual, não somente pelos documentos oficiais, mas sim pelos discursos proferidos por aqueles artistas populares que exercendo sua cultura, promovem versões diferentes de um mesmo fato, dando uma representação e um significado novo ao vivido. A cultura popular remonta a essa ideia, de buscar no popular uma forma de ressignificação do presente, a partir de gestos, discursos, narrativas que enriquecem e transformam, por isso Grillo afirma que:

Cultura popular para alguns historiadores tem sido entendida como um espaço por onde resistências e táticas podem fluir como uma forma de recusa à ordem estabelecida. Ela pode ser definida como todas as práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano distante do racionalismo científico, como forma de criação e recriação do seu universo: crenças, hábitos, costumes, etc. (GRILLO, 2015, p. 10).

Nesse sentido, faz-se necessário entender também, que a cultura popular não é um conceito pronto e acabado, mas é assim como a História, algo construído ao longo tempo. Albuquerque Junior em seu livro *A feira dos mitos: A fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950)* aborda essa temática ao dizer que o folclore e a cultura popular são:

Conceitos, categorias, instrumentos para nomear, classificar, ordenar, distinguir, identificar, se apropriar das dadas formas e matérias de expressão, que são comumente retiradas de seus contextos de produção, que são isoladas de sua historicidade, que

são neutralizadas politicamente ou censuradas, para serem colocadas a funcionar em novos contextos, para ocuparem novos lugares, para se constituírem em formas quase que empalhadas, des-historicizadas, transformadas em símbolo de uma dada identidade regional, em ícones, em manifestações típicas de uma regionalidade que se propõe como sendo a verdade e a essência destas manifestações culturais. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.23).

Continuando, Albuquerque Júnior mostrar-nos que o folclore e a cultura popular em sua fabricação necessita de mecanismos específicos para que as fontes, os discursos sejam produzidos na sociedade e permaneçam presentes nela (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.23). Sendo assim, a escrita desse historiador é necessária para que ao analisarmos obras que se enquadrem como pertencentes a cultura popular, possamos perceber que tudo que foi produzido, foi produzido com variadas influências e como também intenções que nem sempre estão explícitas na leitura, na observância, mas que modificam o nosso olhar sobre o objeto e nos levam a pensar que:

O campo cultural, em qualquer época e espaço, é marcado pelas misturas, pelas mestiçagens, pelos hibridismos, pelas amálgamas, pela circulação, pelo fluxo multidirecional das matérias e formas de expressão. Nada no campo cultural garante a preservação da identidade, pois ele é presidido pela criatividade, pela capacidade humana de criar símbolos, linguagens, sentidos vários e diversificados, ele é presidido pela diferenciação, pela proliferação barroca dos significados. O próprio jogo entre os significantes e os significados, entre as empiricidades e as linguagens, que permite a existência dos discursos míticos, fazendo com que estes elementos possam se deslocar e assumir a forma do outro, mostra bem como não podemos pensar, em matéria de cultura, na existência de realidades fixas, de objetos estáticos, de sentidos definitivos e a priori, tudo nesse campo é movência, nomadismo, deslocamentos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.230-231).

Nesse contexto, a literatura popular insere-se como campo de saber que possibilita o conhecimento da cultura e dos diversos objetos que a cercam. Segundo Grillo ela é história popular:

Porque relata os eventos que fizeram a história a partir de uma perspectiva popular. Seus poetas são do povo e o representam nos seus versos. Nesse sentido, o cordel pode ser considerado o documento popular mais completo do Nordeste Brasileiro. Ora constituindo-se, pois, em um rico material de estudo histórico-social e literário. (GRILLO, 2015. p. 09-10).

Portanto, é importante para o historiador, fazer uso desses conceitos, pois assim será possível uma prática investigativa mais contundente, onde o objeto de estudo, será analisado de modo amplo e os discursos proferidos dentro da obra, poderão ficar mais visíveis, possibilitando que haja uma pesquisa mais profunda e produtiva.

PENSANDO O CORDEL E O CANGAÇO: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA NO NORDESTE DO BRASIL

O cordel remonta da literatura popular, sendo uma produção escrita em versos, onde o seu autor conta em forma de narrativa, fatos da vida real ou até mesmo da ficção. A literatura de cordel no Brasil tem origem Europeia, principalmente de Portugal e Espanha, onde os livretos comercializados ficavam presos em varais de barbante (LUYTEN, 1984, p. 39).

Porém, aqui no Brasil e mais especificamente no Nordeste, os cordéis são construídos de maneira distinta da Europa, segundo Grillo:

Esta Literatura chega ao Brasil juntamente com a colonização portuguesa, mas se transforma rapidamente, passando a estabelecer uma existência autônoma. As primeiras histórias de reis, rainhas e heróis, dão lugar à criação de novas imagens, de novas histórias, novas narrativas. Com efeito, os contos europeus adquirem novos matizes ao chegar ao Brasil, misturando-se com outros contos de origem africana e indígena. (GRILLO, 2015, p. 41).

Sendo assim, podemos perceber que a literatura de cordel chega ao Brasil com a colonização, mas que não se desenvolve igualmente como em terras lusitanas, aqui no Nordeste mais especificamente, carrega traços que se diferenciam da poesia europeia tradicional, pois se misturam singularidades pertencentes a outros povos e etnias, que viviam em contato aqui no Brasil, e assim possibilitando que a poesia popular fosse única.

Portanto, vale salientar que para Haurélio, a literatura de cordel é:

A poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares), desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo o Brasil pelas muitas diásporas sertanejas. Refiro-me, evidentemente, à literatura que reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitanos, continuadora das canções de gesta, mas também, espelho social de seu tempo. Com esta última finalidade, receberá o qualificativo – verdadeiro, porém reducionista – de “jornal do povo”. O cordelista, como hoje é conhecido o poeta de bancada é parente do menestrel errante da Idade Média, que, por sua vez, descende do rapsodo grego. (HAURÉLIO, 2010. p. 16).

Percebemos assim, que o cordel, tal como conhecemos aqui no Nordeste do Brasil, mesmo com suas especificidades, possui origem bem antiga, vinda da Europa medieval e trazida para a América com a colonização, mas devemos atentar para o fato, de que essa literatura não se desenvolveu tal como no continente Europeu. Aqui ela tem outros autores, outros personagens, outras histórias, que são características do Nordeste e do seu povo. Sendo assim, segundo Luyten (1984, p. 42) “O escritor de folhetos, por ser de origem popular, tenderá

a escrever seus poemas para o seu meio adequado - o povo. Neste aspecto, ele vai tratar dos assuntos todos sob o ponto de vista comum a seu meio.”

Tendo algumas características dos folhetos produzidos na Europa, os cordéis aqui do Brasil, eram fabricados de maneira artesanal, o próprio autor fazia os versos e confeccionava os folhetos ao seu modo para a venda (LUYTEN, 1984, p. 40). Esses folhetos, tinham geralmente um tamanho específico (12 cm x 16 cm) impressos em papel pardo, podendo ter de 8 até 32 páginas, com ilustrações chamadas de Xilogravuras que seguiam a mesma temática dos versos (GRILLO, 2015. p. 42).

Sendo assim, percebemos que os cordéis produzidos aqui no Brasil e que faziam sucesso nas feiras públicas, onde eram comprados, lidos e declamados, possuíam uma forma singular de proximidade com o povo. Pois os autores olhavam pelos olhos da população, viam o que o povo via, sentiam o mesmo que o povo, e isso possibilitava que o cordel fosse popular, estivesse intrínseco no cotidiano e na vivência social, pois a sua linguagem era a linguagem da massa.

Para Grillo:

Este tipo de literatura ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em vários níveis: o simbólico, o artístico, o linguístico, o social, o político, o econômico e especialmente, o histórico. Desde que surgiu no Nordeste do Brasil, independente do sistema literário institucionalizado, em meados do século XIX, vem testemunhando fatos da História do Brasil, o que nos revela a preocupação dos poetas e ouvintes com o mundo ao seu redor. (GRILLO, 2015. p. 42).

Consequentemente, se o cordel é uma literatura que possibilita informar o povo, narrando fatos do cotidiano, ela foi também responsável pela chegada de informações, notícias, conhecimentos ao povo, que em sua maioria era analfabeta e não possuía o domínio da escrita. Sendo assim, a literatura de cordel substituiu muitas vezes os livros e principalmente os jornais em seu ofício de noticiar, promovendo uma nova maneira de manter a população informada, graças ao poeta popular, que não só escrevia mais também declamava versos:

Fundada sob o signo do fantástico, a poesia popular supriu uma lacuna que a historiografia incipiente não podia preencher. Quando, no fim do século XIX, o Nordeste assistiu ao ressurgimento – no Brasil, seria mais correto dizer “surgimento” – da poesia popular em sua forma escrita e em grande escala, o caminho já estava preparado. E a voz do poeta popular, ampliada pela coletividade, pôde levar o necessário em termos de literatura a uma população em sua maioria ágrafa. (HAURÉLIO, 2010. p. 15).

Portanto, o cangaço surge nesse cenário, como um dos temas mais utilizados em cordéis, por consequência do interesse dos autores por situações atuais e que de certa forma chamassem

a atenção do seu público leitor, e nada mais chamativo do que as notícias de bandos de cangaceiros que estavam à solta pelos sertões em busca de justiça social.

Tendo em vista que a cronologia de nossa pesquisa é 1920 a 1940, podemos perceber que seria um marco temporal bastante interessante para estudo, pois ao estudarmos a história do cangaço, principalmente quando se fala no tempo de atuação do bando de Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, percebemos que o período que esse cangaceiro atuou no Nordeste do país, comandando um bando, se relaciona com o período de maior produção e venda de cordéis, atingindo toda a população, seja ela pobre ou rica, chegando às cidades, a zona rural, enfim o Nordeste inteiro.

Podemos supor que esses dois eventos, podem e muito responder a indagações que norteiam essa pesquisa. Porque com o auxílio do cordel faremos uma análise de como Lampião estava sendo retratado na literatura popular, e isso diz muito sobre uma época, pois move nosso olhar a pensar o cordel como fonte histórica.

Sendo assim, o cordel narra o cangaço, está relacionado a ele, não somente pela escrita de seus autores, mas pela denúncia, pelo o ato de informar mesmo que das mais variadas formas, mas informar como o cangaço surge num ambiente de descrença, de injustiça, de desigualdade, onde o cangaceiro via:

Ausência de justiça, analfabetismo, precariedade de comunicações e transportes, baixos salários. Quando tudo isto já resultava da tremenda desigualdade social, do débil desenvolvimento do capitalismo, do lentíssimo incremento das forças produtivas, da concentração da propriedade da terra, que dava poder econômico ilimitado a uma insignificante minoria de latifundiários. A grande massa dos habitantes da região não dispunha de recursos normais para viver, nem mesmo a possibilidade de vender com segurança sua força de trabalho. Quando o conseguia era em condições tais que correspondiam a semi-servidão. (FACÓ, 2009, p. 38).

Assim, o cangaço se torna um dos assuntos mais escritos no cordel, porque era popular, ou seja, era um movimento que estava ligado ao povo, e que tocava nas feridas que não cicatrizavam, mas que pelo contrário, permaneciam abertas na existência do pobre sertanejo, que trabalhava duro para ganhar pouco, e que tinha no cordel uma forma de passa tempo, seja para se informar ou ri de alguma história “inventada”.

O cordel informava sobre o cangaceiro Lampião, suas façanhas, suas histórias, seus crimes, suas caridades, mas acima de tudo possibilitava que o leitor soubesse muito mais de um personagem escrito, do que de um personagem real. Pois Lampião além de cangaceiro, também foi uma imagem construída, de um homem que ora era bandido, ora era herói, mas que não deixava de ser cangaceiro, e por ser cangaceiro não tinha limites físicos e nem literários.

Também não vemos limites nos cordéis, seus autores utilizavam-se da imagem de Lampião de variadas maneiras, em diferentes lugares e épocas, tudo para promover ao público uma leitura única do cangaceiro, que possibilitasse o sucesso de vendas. O cangaço virou moeda de troca, ou melhor, de comércio, pois quanto mais o assunto interessava o povo, mais os autores produziam, chegando ao conhecimento de muita gente e facilitando com que esse movimento e conseqüentemente essa figura, se tornassem muito mais conhecidas do que se poderia imaginar.

Por isso, é importante frisar que Lampião era visto de maneira diferente, porque dependendo do autor, ele poderia escrever uma poesia que exaltasse o heroísmo do cangaceiro ou escrevesse depreciando suas ações. Tudo isso em cordéis diferentes, mas que estavam ao acesso do povo que fazia a leitura, e de certa forma dependendo da sua visão de mundo, eram influenciados pela escrita e compactuavam ou não com aquela escrita do personagem.

O CANGACEIRO LAMPIÃO: CONSTRUÇÃO DE UM PERSONAGEM HISTÓRICO PELA LITERATURA DE CORDEL

Lampião, antes de ingressar no cangaço, teve uma história comum, típica da maioria dos jovens da sua época que viviam nos sertões sem muita perspectiva de melhoria de vida. Seu nome de batismo era Virgulino Ferreira da Silva, nascido de uma “Família de pequenos criadores e cultivadores do município de Serra Talhada, estado de Pernambuco” (FACÓ, 2009, p.62).

A sua trajetória é marcada por rixas entre seus familiares e a família Nogueira e a família Saturnino, a perseguição por parte dessas famílias poderosas, foi causada pela morte de um animal pertencente à família de Lampião, como forma de retaliação, Lampião e seus irmãos matam um de seus inimigos, e fogem para o estado de Alagoas, mas mesmo com a mudança de vida, o pai do futuro cangaceiro é assassinado, daí então Virgulino e seus irmãos: Antônio, Ezequiel e Livino se inserem no cangaço (FACÓ, 2009, p.62).

Virgulino, que passa a ser chamado de Lampião, ingressa no bando do afamado Sebastião Pereira, mais conhecido como Sinhô⁵, com o objetivo de vingar a morte de seu pai, mas podemos supor que esse fato trágico, será apenas o estopim para que Lampião vire

⁵Sebastião Pereira da Silva, conhecido popularmente como Sinhô, foi um cangaceiro. Nasceu em Serra Talhada em 20 de Janeiro de 1896, e ingressa no cangaço no ano de 1907, em seu bando recebeu Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, e em 1922 sai do cangaço entregando seu bando a ele.

cangaceiro, pois veremos que naquela época as condições de vida eram inóspitas e deixavam poucas opções para aqueles que queriam mudar de vida.⁶

A partir de então, serão 20 anos de andanças pelos sertões, promovendo “Assassínios, assaltos a propriedades de grandes fazendeiros, ataques a povoados, vilas e até cidades” (FACÓ, 2009, p.62). Tudo isso ao lado de seu próprio bando, formado por homens pobres, camponeses, que não tinham renda e viam no cangaço uma forma “De ganhar a vida” (GRILLO, 2015, p.63).

Eric Hobsbawm, observa com clareza esse assunto, ao falar do conceito de banditismo social, termo bastante importante para essa análise, segundo ele “O banditismo é a liberdade, mas numa sociedade camponesa poucos podem ser livres” (HOBSBAWM, 2010, n.p.). Ou seja, Lampião e vários outros cangaceiros vinheram do meio rural e mesmo desafiando o sistema político da época, conseguiram a comoção e o respeito de parte da população, em busca de justiça social, sendo até vistos como heróis, Hobsbawm deixa claro que:

O principal com relação aos bandidos sociais é que são proscritos rurais que o senhor e o Estado encaram como criminosos, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, que os considera heróis, campeões, vingadores, pessoas que lutam por justiça, talvez até mesmo vistos como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e sustentados. (HOBSBAWM, 2010, n.p.).

Portanto, Lampião ganha enorme fama dentro do cangaço, como sendo um homem que junto com seu bando, lutou contra a opressão e a injustiça, promovendo fama por onde passava, mas devemos observar que mesmo este cangaceiro fazendo grandes feitos que ficaram vivos na memória dos populares, a literatura, principalmente de cordel, ainda merece uma maior análise, para que haja um maior entendimento da imagem de Lampião perante o povo e os poderes locais, no qual ele desafiava com seus ataques.

Grillo afirma isso, ao dizer que os cangaceiros e o movimento em geral do cangaço dentro da literatura de cordel, precisam ser mais estudados, tendo em vista:

Não obstante, a forma como foram representados pela cultura popular não foi ainda devidamente estudada, tomando-se em consideração a proporção em que suas façanhas e feitos foram comentados pelos populares que veem nesses homens verdadeiros heróis ou bandidos. Quando esses homens se tornam célebres por suas façanhas, passam a ser perpetuados na memória popular através da literatura, seja ela oral ou escrita nos folhetos. (GRILLO, 2015. p. 165).

⁶ Nessa época, terão inúmeros fatores que promoveram com que uma grande parte da população seja considerada excluída da sociedade. Condições climáticas como a seca e fatores como a falta de assistencialismo por parte dos poderes locais e nacionais, facilitaram que essa margem da população não tenha grandes escolhas de vida a não ser a servidão nas fazendas, ou a vida ilegal do cangaço. Ver: GRILLO, Maria Angela de Faria. A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900 – 1940) / Maria Angela de Faria Grillo. Jundiaí, Paco Editorial: 2015. p.179.

Sendo assim, é necessário que analisemos Lampião como um personagem histórico, mas também pertencente à literatura. É ela que fará com que Lampião ganhe fama entre a população, pois os artistas usaram a sua imagem de cangaceiro dentro das suas obras. Hobsbawm, complementa bem essa relação entre literatura e cangaço, ao dizer que “Os grandes cangaceiros do período 1890-1940 logo adquiriram fama regional, e sua reputação se propagou oralmente e por meio de folhetos de cordel (...), poetas e cantores locais” (HOBSBAWM, 2010, não paginado).

Portanto, veremos que Lampião foi inserido na literatura, e por isso não estava somente no cangaço, mas também no imaginário de todas as pessoas que sabiam sobre ele e suas façanhas. Alguns escritores, cada qual a sua maneira, faziam de Lampião um herói, um justiceiro social, que primava pela honra da família e dos mais necessitados, mas também poderíamos ver outros, que o tratavam como um verdadeiro delinquente, bandido de pior espécie, que promovia assaltos, mortes e destruição por onde passava:

Contudo, o interessante é a inserção política e intelectual dos cangaceiros na tradição nacional brasileira. Os escritores do Nordeste não tardaram a romantizá-los e, em todo caso, era fácil utilizá-los como demonstração da corrupção e da injustiça da autoridade política. Os cangaceiros chamaram ainda mais a atenção na medida em que Lampião foi um possível fator na política nacional. (HOBSBAWM, 2010, n.p.).

É importante deixar claro, que independentemente da maneira como os artistas tratavam os cangaceiros em suas obras, a exemplo de Lampião, seja de maneira real ou ficcional, essas histórias escritas contribuíram imensamente para a perpetuação da memória de uma época, onde figuras dividiam a cena como heróis ou bandidos.

Dessa forma, o cangaceiro Lampião, será extremamente citado na literatura de cordel, em enredos e histórias que misturavam a imaginação e a realidade, de maneira a cativar os populares, evidenciando fatos de sua caminhada no cangaço juntamente com a fabricação de “causos”⁷.

NAS RIMAS DA POESIA POPULAR: A REPRESENTAÇÃO DE LAMPIÃO NOS CORDÉIS DE 1920 A 1940

O cordel, mais do que um tipo de poesia popular, é uma fonte histórica. A partir dele podemos ter contato com épocas passadas e com pessoas que viveram também no passado,

⁷ Causos são histórias, que podem contar fatos verídicos ou não, com objetivo de entreter e divertir. Na maioria das vezes podem ser apresentadas em forma de rimas.

somente a partir da leitura de como eram e se comportaram. É extremamente importante essa ferramenta para a História, pois novos olhares e possibilidades de questionamentos se abrem para análise de diferentes objetos de estudo. Segundo Grillo:

Mais do que histórias individuais, a análise da literatura de cordel que tem como tema a inserção dos homens pobres nas relações de poder, que denominamos coronelismo, nos revela o ponto de vista do último dos elos dessa cadeia, que sustenta a política dos governadores durante a chamada república dos coronéis. (GRILLO, 2015, p.165).

Sendo assim, devemos perceber que os cordéis em sua maioria no recorte temporal dessa pesquisa, retratam a realidade do Nordeste: o esquecimento da população, as dificuldades financeiras, a desigualdade social e o poder dominador dos coronéis, que mandavam e desmandavam nas suas localidades e tendo a população como moeda de troca e de permanência no poder, graças aos favores que concediam.

Portanto, o cordel seria um meio de denúncia, mesmo sem intenção de seus autores, pois essa era a realidade do sertanejo, e por ser uma realidade da maioria do povo pobre e desamparado de direitos e de assistência, acabava sendo transformada em versos, em rimas que denunciavam, exaltavam, ironizavam, julgavam, mas que acima de tudo informavam o povo nordestino.

Consequentemente, foi assim com a imagem de Lampião. O cangaceiro criou fama pela apropriação dos discursos da imprensa, da poesia, o mesmo se denomina “O terror do sertão” a partir da fala daqueles que o chamavam assim. Com isso, percebemos o porquê a imagem dessa figura permanece viva na memória de tantas pessoas, pois Lampião se deixou ser imortalizado, possibilitou que seu nome ficasse gravado na História, na Fotografia, e na Literatura. Grillo afirma com relação a isso, que existe diferenças entre Antônio Silvino e Lampião no tocante a sua exposição na imprensa e na literatura:

Enquanto Antônio Silvino não se deixava retratar, talvez considerando o anonimato como uma forma de melhor agir pelo sertão, Lampião foi várias vezes fotografado junto com seu bando, demonstrando certa compreensão de que despertava um interesse maior, tornando-se mais conhecido, divulgando seus feitos e colocando-se em simpatia e angariando mais “fãs” que poderiam se tornar correligionários. Trata-se de épocas distintas, em que a atenção em torno dos cangaceiros é muito maior em virtude mesmo dessa divulgação, não tanto dos jornais, mas principalmente dos cordéis. (GRILLO, 2015, p.180).

Como nosso objeto de estudo é a literatura de cordel, vamos nos limitar a analisá-lo dentro desse recorte temático. Para essa pesquisa nos propomos analisar seis obras de poesia popular, escritas entre 1920 e 1940, de autores diferentes. Essa análise objetivou a percepção de nuances na escrita dos cordelistas, a partir da sua visão sobre o cangaço e o cangaceiro

Lampião, promovendo assim, possibilidades para que haja indagações a partir de sua representação como figura pública.

Sendo assim, podemos perceber que Lampião dentro da literatura de cordel, será um personagem visto frequentemente como um homem manchado pelo mal e pelo crime, mas acima de tudo isso, será exposto também, que ele será o resultado da desigualdade e da injustiça que prevalecia no sertão. No cordel *Lampeão foi cercado*, João Martins de Athayde⁸ (1925, p.01) pode afirmar isso ao escrever:

O nordeste brasileiro
vivi sempre aflagelado
pelo o analfabetismo
que assola pelo o estado
pagés e catimbozeiros
criminosos e cangaceiros
que os sertões tem criado

Portanto, vemos Lampião a partir desse cordel, como produto fabricado de uma época, época difícil para todos que viviam no Nordeste enfrentando dificuldades. Athayde (1925, p.04) ainda completa dizendo que Lampião defendia somente seus próprios interesses e que oprimia ainda mais o povo, que já vivia sofrendo:

O povo d`aquella zona
já vivi tão oprimido
de vez em quando aparece
certo grupo de bandido
é esse que mais atraza
em vez de dormir em casa
dormem no matto escondido

Athayde (1925, p.06) também deixa exposto que Lampião e seu bando não seguiam as leis, os poderes locais e nacionais e nem muito menos a justiça, para eles só imperava o poder do combate:

No grupo de Lampeão
se cumpre uma lei fatal
não reconhece o direito
nem justiça e nem moral
ali o poder se cala
vai tudo a força de bala
pelo o rifle e o punhal

Porém, o autor Athayde (1925, p.08) ainda afirma que mesmo Lampião sendo um bandido que praticava crimes horrendos, ainda era visto pela população com bons olhos, como

⁸ João Martins de Athayde nasceu em Cachoeira de Cebolas, povoado de Ingá do Bacamarte (PB) segundo ele próprio em 23 de junho de 1880. Devido à seca de 1898, migrou para Pernambuco, radicando-se no Recife. Faleceu em Limoeiro (PE), em 1959. Ver: www.casaruibarbosa.gov.br.

um homem bom que também fazia caridade. Com isso percebemos o quanto a imagem de Lampião dividia opiniões entre o povo:

Hoje temos a moderna
Até para o criminoso
Vesse bem num homem deste
Um sujeito audacioso,
Praticam depredações
E arranjam pelos os sertões
O nome de caridozo,

Esse cordel foi escrito em 1925, na década que marca o início de Lampião no cangaço, mesmo estando em seus primeiros passos na vida de foragido da lei, o cangaceiro já era comparado a seu antecessor Antônio Silvino, onde Athayde (1925, p.01) em seus versos, adianta que Lampião iria ser punido por seus crimes, assim como Silvino foi:

Eu não gosto de abuzar
do grande poder divino
porém o caminho é este
quem não souber eu ensino,
nessa tremenda questão
vai se dar com Lampeão
O que se deu com Silvino

Lampião mesmo vivendo a maioria do seu tempo dentro do mato, praticando delitos, fugindo da volante, possuía uma personalidade e inteligência impressionantes, segundo João Martins de Athayde (1926, p.13 e 16) em seu cordel *Como Lampião entrou na cidade de Juazeiro acompanhado de cinquenta cangaceiros e como ofereceu os seus serviços à legalidade contra os revoltosos*, fica claro em alguns versos, o quanto Lampião sabia o que estava fazendo e não deixava de ser estrategista e cordial, quando lhe convinha:

Começou logo a conversa
De uma forma animada
Lampião tinha a linguagem
Muito desembaraçada,
Mostrando sua importância
Falando com arrogância
Como quem não via nada

[...]Assim naquela atitude
Rosto firme, olhar insano
Quem o visse não dizia
Ser um ente desumano,
Prestava atenção a tudo
Com um caráter sisudo
Parecia um soberano.

Lampião, mesmo sendo odiado também era querido por muita gente, podemos perceber isso, quando Athayde (1926, p.13 e 18) escreve em seu cordel que Lampião ao chegar em

Juazeiro, provoca a ida de uma multidão para o local que estava, enchendo as ruas da cidade a procura de ver o famoso cangaceiro, o mesmo recebe até um presente:

De toda parte chegava
Gente para o Juazeiro
Alguns deles se vestiam
Com as roupas de um romeiro,
Quem morava no deserto
Vinha pra ver bem de perto
O famoso cangaceiro

[...] Disse a velha “Aqui eu trago
Remédio pra sua dor
Guarde consigo esta imagem
E tenha fé no criador,
Pelo poder do Messias
Inda brigando dez dias
Bala não fere o senhor”

No cordel *Segura o tiro Lampeão*, João Martins de Athayde (1928, p.12 e 14) escreve os versos como se o eu lírico fosse alguém que estivesse disposto a capturar Lampião, e que possuísse grandes condições para conseguir isso, graças a sua passagem pelo cangaço, esse personagem seria Antônio Silvino, que estaria convicto de capturar o seu sucessor e tira-lo do posto de “Rei do cangaço”:

Tem cabra assascino
Que as vezes não come.
Quando lembram o nome
De Antonio Silvin,
Torna-se mufino
Covarde ruim
Quando fica assim
Cae no abandono
Perde até o somno
Quando pensa em mim.

[..]Homem como Lampeão
Não me preocupa em nada,
Não quero andar mais ninguém
Nem vou botar-lhe emboscada,
Ando sem cortar caminho
Hei de prendei-o sosinho,
Até no meio da estrada

Para o Cordelista Francisco Maraba (1929, p.03) em seu Cordel *Notícias de Lampeão*, Lampião seria um bandido, não restava dúvidas, mas que praticava sua justiça no sertão, ajudando os necessitados e dando voz aos esquecidos. É interessante analisar essa visão do autor, pois ao passo que a maioria dos autores analisados afirmam o caráter de criminoso do cangaceiro, também deixam claro, que mesmo sendo um mal feitor, ele conseguiu fazer boas ações e cativar muitas pessoas para a sua causa, apoiando-o:

Acabar com Lampeão
 É a tendência geral
 Faça ele uma justiça
 É levado sempre a mal,
 É atacado e se defende
 Todo mundo compreende
 A defesa é natural

Maraba (1929, p.10) também deixa claro em sua obra, que a ida de Lampeão pro cangaço respeitou a ordem natural do sertão, naquela época não restaria opções para o sertanejo que queria mudar sua realidade:

O sertanejo infeliz
 Com a polícia e o cangaço,
 É quem sofre as consequências
 Dizendo não sei que faço,
 Se sirvo a polícia apanho
 Sirvo Lampeão levo banho
 Apanhando em qualquer passo

O Cordel *A morte de Lampeão e a vingança de Curisco*, escrito em 1938, pouco tempo depois da morte real de Lampeão, narra como foi a morte do cangaceiro baseado nas notícias dos jornais da época, no final deste folheto tem escrito: “AVISO: aos meus bons leitores que este livrinho foi rimado com alguns tópicos do Diário de Pernambuco, União, Jornal do Comércio etc.”

O autor José Vieira (1938, p.01) expõe Lampeão como o bandido mais temido, e que por isso não teria o perdão da justiça, no início do cordel, Vieira diz que o cangaceiro teria feito do cangaço seu meio de vida, de sustento, para conseguir sobreviver:

Lampeão já é conhecido
 De toda população
 O bandido mais temível
 Que já houve no sertão
 Roubava por brincadeira
 Atacava qualquer feira
 Matava por distração

Fez do Rifle profissão
 E do sertão fez senzala
 Das pedras fez protector
 Pra defender-se da bala
 Fez do chapéu sua casa
 Onde só ele morava-
 Da maca fez sua mala

Vieira (1938, p.03) continua sua escrita, evidenciando o quanto Lampeão se autodenominava o “terror do sertão”, como forma de mostrar superioridade perante aqueles que o queriam morto ou preso:

Tenente vou lhe dizer
 Respondeu Lampeão
 Sou Virgulino falado
 Sou o terror do sertão
 Dos óculos faço trincheira
 Mato por brincadeira
 Enterro por distração

Já Arinos de Belém (1939, p.44) em seu Cordel *Lampeão: sua vida, seus crimes, sua morte*, biografado em 48 páginas, muitas rimas sobre a história de Lampeão, aqui o autor denomina o cangaceiro como o maior dos bandidos:

Lampeão era o terror
 Do nordeste brasileiro,
 passou à história do mundo
 como o maior bandoleiro,
 era infame, era terrível,
 vingativo, traiçoeiro

Com a morte de Lampeão, fica no povo um duplo sentimento de alívio e de revolta, pois a forma como o cangaceiro morre em emboscada é bastante cruel, onde a sua cabeça e a do seu bando, foram decepadas. Segundo Arinos de Belém (1939, p.45):

Lampeão, rei do cangaço
 Virava tudo do avesso,
 Agora depois de morto
 Já seu crânio muito exposto
 Foi pelo doutor Silveira
 Já modelado no gesso.

Para finalizar o cordel, o cordelista Arinos de Belém (1939, p.48) expõe que mesmo com a morte de Lampeão, o sertão não encontrará paz, pois não existiria somente um bandido, mas vários que posteriormente se revelariam aterrorizando os sertões:

O sertão não terá paz
 Isto é fato conhecido,
 si hoje morre um cangaceiro
 amanhã surge um bandido,
 as vezes num rosto alegre
 vive um perverso escondido

A partir da análise dos cordéis, podemos perceber que em sua maioria, os autores revelavam a face criminosa de Lampeão, o tratando como bandido, como um verdadeiro criminoso, que praticava crimes por onde passava. Mas é interessante atentar, que mesmo estando exposto o seu lado sombrio e delinquente, percebemos nas entrelinhas dos cordéis a tentativa de justificação, ou seja, de tentar explicar os motivos que levaram Lampeão a se tornar um bandido.

Sendo assim, percebe-se que essa dupla personalidade do cangaceiro, tendia a provocar no povo, tanto revolta quanto admiração, muitos se revoltavam por causa dos atos criminosos que praticava com seu bando: assaltos, assassinatos etc. Mas uma grande quantidade de pessoas o admiravam por causa das bandeiras sociais que levantava: combate as injustiças, as desigualdades, denúncias, a favor da honra e dos excluídos da população. Sendo assim, como analisa Grillo, é interessante apontar que:

As representações são eivadas de ambiguidades, como que a deixar sempre margem para outras interpretações, outras leituras. Ao mesmo tempo em que é apresentado como um criminoso perverso, resolvendo questões com extrema violência, é, por outro lado, justificado na medida em que é descrito como vingador, bandido que faz valer sua honra desde a origem, que ataca os poderosos e imprime em seu meio uma certa justiça. Pode-se, portanto, compreender como uma mesma figura oscile entre dois pontos extremos: bandido e herói. (GRILLO, 2015, p.212).

Portanto, tudo isso favoreceu para que o cangaço, até hoje se tornasse um dos temas mais lembrados pela rima e Lampião um dos personagens mais recitados também. Com isso, podemos tirar como conclusão nessa discussão, que o cangaço se inseriu dentro da sociedade e pela sociedade encontrou legitimidade para crescer, e por isso figuras como Lampião, tem uma imagem de certa forma ambígua, pois a sociedade via o cangaço dessa maneira, tanto como um movimento desordeiro mas também como um grito de socorro, que promovia a reflexão para a busca de igualdade social para o povo, que se via em Lampião, e que também via justiça em seu discurso, e presença em sua imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel nasce para História, assim como o cangaço para Lampião. Ela provoca o despertar de um novo tempo, uma nova maneira de se pensar os sujeitos, as representações, a partir da sua análise como fonte histórica. O cordel terá raízes bem distantes do Brasil, mas ganhará sentido singular aqui no Nordeste, com todas as particularidades culturais e artísticas.

Sendo assim, a análise dos cordéis nos mostrou nessa pesquisa, que o Lampião que chega até nós hoje em dia, poderá não ser o mesmo para muitas pessoas da época em que ele viveu, tudo isso só foi possível graças a possibilidade de se pensar a História de maneira mais crítica ao longo dos anos.

Será a partir da teoria que a forma de pensar a história e seus sujeitos é encarada de maneira mais crítica. A representação de Lampião, tema de nosso trabalho, cria indagações ao

passo que provoca em nosso imaginário a inquietação de que tudo não está e nunca esteve pronto e acabado, mas que ao contrário, é resultado de uma construção histórica.

Lampião seria então, fruto dessa construção, um personagem fabricado pelas rimas, moldado pelos versos e ambíguo pelas atitudes. Que causava divergências, mas que acima de tudo, provocava o nordestino a pensar em si, no seu lugar na sociedade a partir do Cangaço.

Portanto, é imprescindível atentar que Lampião e o cangaço, passam a estar unidos, e dessa união, nasce mais do que um movimento, mas um grito, grito de muitas e muitas pessoas que se calam diversas vezes para poder sobreviver, gritos de homens, mulheres e crianças que sofriam calados a opressão de um poder local carrasco e inútil para suas necessidades básicas.

Ao longo do nosso trabalho, analisamos todos esses aspectos, desde da importância da literatura para a História e vice versa e como o cordel se originou e se desenvolveu no Nordeste do Brasil e ganhou fama e popularidade, e a partir de então analisamos como Lampião e o cangaço são retratados por esse recurso literário, consequentemente possibilitando que haja a problematização com relação a sua representação e sua importância para a História, a partir dos cordéis que se transformam em fontes históricas.

Assim, em nossa pesquisa, os folhetos revelam muito mais do que um Lampião tratado como uma figura pública, como um herói ou bandido, mas revela uma série de peculiaridades referentes a escrita dos autores, ao mundo social e político que estavam inseridos, e principalmente ao seu imaginário, pois será ele que promoverá que Lampião se revele uma representação da sua época, seja ela heroica ou não.

Sendo assim, nossa pesquisa torna-se relevante ao passo que propõem meios para que se problematize o tema de maneira nova, ao olhar a academia como possibilidade para produção de trabalhos que tragam contribuições para se pensar Lampião a partir de sua identidade, provocando consequentemente que haja a fabricação de um imaginário acerca do seu contexto histórico, político, econômico e social.

O cordel, que é nosso objeto de estudo é também importante, pois se torna um documento histórico que promove que a História se congele no tempo, e que traduza memórias, Histórias e sujeitos. Com isso, o Historiador terá rica produção para pesquisa, a exemplo dessa, que possibilitou o resgate de um personagem controverso mas que acima de qualquer coisa, é imagético. Dessa forma, o Imaginário provocará a busca por respostas de perguntas nunca professadas, mas que estão subentendidas nas entrelinhas das rimas presentes nos cordéis, e são os cordéis, os principais responsáveis por dar sentido a essa escrita e também a escrita de tantos outros, que veem Lampião não como um bandido ou herói, mas como uma fabricação do seu tempo.

REFERÊNCIAS

FONTES

ATHAYDE, João Martins de. **Como Lampião entrou na cidade de Juazeiro acompanhado de cinquenta cangaceiros e como ofereceu os seus serviços à legalidade contra os revoltosos**. Recife, 1926.

ATHAYDE, João Martins de. **Lampeão foi cercado**. Recife, 1925.

ATHAYDE, João Martins de. **Segura o tiro Lampeão**. Recife, 1928.

BELÉM, Arinos de. **Lampeão: sua vida, seus crimes, sua morte**. [S.l.]. 1939.

MARABA, Francisco. **Notícias de Lampeão**. Recife, 1929.

VIEIRA, José. **A morte de Lampeão e a vingança de Curisco**. Parahyba, 1938.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste – 1920-1950)** / Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Apresentação de Regina Horta Duarte. – São Paulo : Intermeios, 2013.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edções Loyola, 2012.

GRILLO, Maria Angela de Faria. **A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900 – 1940)** / Maria Angela de Faria Grillo. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

HAURÉLIO, Marco, 1974 – **Breve história da literatura de cordel** / Marco Haurélio. – São Paulo: Claridade, 2010.

HOBSBAWM, Eric John. **Bandidos**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LUYTEN, Joseph. M. **O que é literatura popular**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & História Cultural** – 3. ed. – Belo Horizonte: Autentica, 2012.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A Universidade Estadual da Paraíba e seu corpo docente, que oportunizaram a janela que hoje vislumbro.

A minha orientadora Hilmaria Xavier Ribeiro, pelo empenho, apoio e confiança.

Agradeço a minha mãe Elizonete, que me deu apoio nas horas difíceis e incentivo para ser uma pessoa melhor e não desistir dos meus sonhos.

Ao meu pai Ivandi, que apesar de todas as dificuldades, me fortaleceu e incentivou.

Obrigada meus irmãos Tiago e Noemia, por todo o incentivo durante os anos de faculdade, e por entenderem que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Iago, meu noivo, sem o seu apoio e companheirismo esse TCC não seria possível. Obrigada meu amor, por ser tão atencioso e por entender minha ausência em diferentes momentos.

A minha madrinha “Fiinha” (in memoriam), que em algum lugar deve estar vibrando com a minha vitória.

Só tenho a agradecer aos meus amigos, Adriano e Liliane. Obrigada pelos inúmeros conselhos, frases de motivação e puxões de orelha. As risadas, que vocês compartilharam comigo nessa etapa tão desafiadora da vida acadêmica, também fizeram toda a diferença. Minha eterna gratidão. Esse TCC também é de vocês!

As minhas amigas de longa data, Ktia, Iranice, Fernanda e Andreza, agradeço por toda força, incentivo e apoio incondicional.

Agradeço a todos os familiares e amigos, que nunca negaram palavras de força, incentivo e otimismo ao longo da jornada acadêmica.

A minha turma 2015.1, que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

Gratidão as professoras, Ivaneide Angelo (Tia Tina) e Andrea Brito, por me mostrarem a beleza da Educação.

Obrigada Professor Matusalém, por todo apoio durante o curso. Essa conquista também é dedicada ao senhor

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, obrigada.